

Economia - Brasil

Juros vão cair, mas presidente não diz quando

FHC também foi dúvida ao dizer que o Brasil não tem nada a ver com a Ásia, mas depende da Coréia para baixar juros

Rio — Assim que a equipe econômica do governo perceber que o mercado internacional absorveu bem o novo colapso na Bolsa de Valores de Seul, na Coréia do Sul, que ocorreu esta semana, os juros no Brasil começarão a cair. O presidente Fernando Henrique Cardoso afirmou ontem que, por ele, a taxas de juros já teriam baixado. "Ninguém sobe os juros por prazer", disse ele, depois de participar, na Escola Naval, no Rio, da cerimônia formatura de Guardas-Marinha. "A queda dos juros não depende somente de nós, depende da análise do sistema financeiro internacional", comentou o presidente.

Ao reafirmar que o governo está tomando medidas para suportar o impacto da crise internacional nas bolsas, Fernando Henrique disse que "certamente os juros vão cair", mas preferiu não falar em prazos. "Não quero me antecipar porque, na semana passada, por exemplo, a situação da Coréia se agravou", disse, dando a entender que a queda dos juros já estava sendo estudada pela equipe econômica como uma medida imediata. "Não temos nada com essa situação (da Coréia do Sul) e acho que o mundo está percebendo que a situação econômica do Brasil é mais sólida", afirmou.

O presidente deixou claro que, com a manutenção do fluxo de recursos externos que continuam a chegar ao país e a absorção internacional à crise sul-coreana, a

situação no Brasil voltará aos níveis de outubro, antes do colapso das bolsas. "Havendo isso, os juros caem", declarou. Soridente e bem-humorado, Fernando Henrique disse estar otimista com relação ao próximo ano. "Estamos criando condições para que 98 seja melhor do que 97", disse, comentando que deve passar o réveillon no Rio.

DESEMPREGO

O governo vai se manter afastado das negociações entre sindicatos e empresas de diversos setores para redução de jornada de trabalho e de salários como meio de evitar demissões durante o período de desaquecimento econômico. "Sempre houve anseio da classe trabalhadora e dos sindicatos para que não houvesse interferência do governo nessas negociações", disse. "Por que eu iria interferir agora?", indagou o presidente, declarando que a participação do governo será apenas para manter condições gerais da economia.

O presidente recorreu a um ditado popular para dizer que não cabe ao governo negociar, caso a caso, as alternativas empresariais para evitar o agravamento do desemprego. "Não vamos confundir alhos com bugalhos", disse. "As montadoras já foram muito beneficiadas com programas especiais, que estão ainda em vigência no Brasil, e agora devem entender que não podem começar a dispensar na primeira dificuldade".